

O invisível toma forma e tem fome¹

Peterson de Carvalho FERNANDES²

Jonathan WILLIMANN³

Mariana Datria SCHULZE⁴

Universidade da Região de Joinville, Joinville, SC

RESUMO

“Existirmos: a que será que se destina?”, questiona Caetano Veloso em sua canção “Cajuína”, de 1972. A fotografia “O invisível toma forma e tem fome”, de certa maneira, provoca esse questionamento. Retrata uma situação cotidiana nas grandes cidades brasileiras, que costumeiramente é desconsiderada pela maioria das pessoas: a existência de moradores de rua, de pedintes que, na maior parte das vezes nem são questionados sobre o que realmente querem. A foto, registrada pelo fotógrafo durante a Expedição Intercom Sul 2015 pelo Rio Grande do Sul, além de captar uma situação dissonante do que vinha se avistando nas outras cidades percorridas, registrou o exato momento em que um rapaz jovem está no meio da rua, em pé, segurando um cartaz de papelão com uma mensagem que, mesmo dotada de erros ortográficos deixa claro o que ele realmente sentia: fome.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia, sociedade, exclusão, fome, minoria.

1 INTRODUÇÃO

Pelos idos de 1895, na França, dezenas de pessoas se impressionavam com um dos primeiros filmes a serem apresentados publicamente na história. “L'Arrivée d'un train en gare de la Ciotat” (Chegada de um Comboio à Estação da Ciotat) foi uma película criada pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, e retratava exatamente o que o título diz. As pessoas não se impressionavam pela realidade, mas sim pela novidade que era o cinema, a fotografia em movimento.

Uma das pessoas que mais se intrigou foi George Méliès, um mágico e ilusionista que, ao ver a novidade, começou a imaginar tudo que aquilo seria capaz de realizar. Percebeu que as pessoas não se interessavam apenas em ver o cotidiano, mas sim em coisas diferentes, coisas não tão próximas de suas vidas, ou seja, a ficção.

Não exatamente por isso, mas a construção do cinema, da novela e das produções audiovisuais em nossa sociedade contemporânea possuem em sua formação uma grande contribuição de toda essa história. Entretanto, não há mais necessariamente uma preferência

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Projeto Transdisciplinar, modalidade Fotografia Artística.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Univille, email: p.cafer@hotmail.com.

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Univille, email: jonathanwillimann@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Univille, email: marianad.schulze@gmail.com.

pela realidade ou a ficção. Hoje em dia as pessoas gostam tanto de assistir a um filme com uma história fictícia ou fantasiosa, quanto acompanhar os passos de pessoas comuns dentro de um reality show. Há o interesse tanto em ler um livro de ficção científica, quanto uma autobiografia, e as bancas vendem tanto uma revista de estudos sobre a natureza e os animais quanto uma revista de fofocas com fotografias de celebridades caminhando pela rua. Aliás, fotografias assim são adoráveis ao olhar de muitos. Fotografias de pessoas comuns caminhando pela rua não são tão importantes, mas também não são desconsideradas. Mas fotografias de pessoas pedindo esmola ou passando fome são impactantes, reflexivas, chocantes. O que é estranho, pois é justamente disso que as pessoas costumam se esconder no seu dia-a-dia.

2 OBJETIVO

Colocar em pauta o assunto da desigualdade social, da exclusão das minorias, e principalmente, falar sobre aqueles de quem não se menciona, os invisíveis da sociedade. O objetivo é compreender as diversas perspectivas que a fotografia nos traz e o amplo debate que ela pode proporcionar. Esse debate gira muito acerca da “normalidade”, esse conceito que não é exatamente bem definido, e exatamente por isso acaba gerando polêmicas em diversos momentos. Afinal, o que pode ser considerado normal na nossa sociedade?

Entre 1759, data do aparecimento da palavra normal, e 1834, data do aparecimento da palavra normalizado, uma classe normativa conquistou o poder de identificar a função das normas sociais com o uso que ela própria fazia das normas cujo conteúdo determinava (CANGUILHEM, 2000, p. 218).

O conceito de normalidade é extremamente subjetivo, e o debate acaba sendo gigantesco. É o tipo de tema que gera discussões pelo simples fato de que os elementos que compõem essa percepção são extremamente pessoais, envolvendo fatores culturais, sociais, influência familiar e até mesmo midiática. Segundo o Dicionário Michaelis, a palavra normal está relacionada à “regular, norma, exemplo, modelo”. Entretanto, Canguilhem (2000, p. 221) fala que “[...] a maioria das normas não está escrita, mas é parte das regras de existência do grupo social, mais que as normas jurídicas descritas e escritas”.

Em contrapartida, quando uma sociedade define um conceito de normalidade, estabelecendo assim uma coluna de situações que são normais, conseqüentemente você cria outra coluna, a das situações anormais. Na verdade, o que é tido como normal numa cultura

e numa sociedade, pode ser totalmente anormal em outra. Marquezan (2009, p.110) diz que “o anormal está na norma, é previsto nela, julgado e encaminhado por ela, e seu segmento é desdobrado em uma variedade de tipos e subtipos”.

O debate a respeito da normalidade pode ser afunilado utilizando-se do tema da desigualdade social. Falar sobre os excluídos é, certamente, uma boa forma de tocar no assunto, afinal, fazem parte dos que foram colocados na coluna do “anormal”.

3 JUSTIFICATIVA

Há uma pergunta que eventualmente o acadêmico de Publicidade e Propaganda se faz: Qual o papel da publicidade na sociedade? Levando em consideração que vivemos em meio a um mundo com tanta desigualdade, usar da publicidade apenas como forma de induzir uma pessoa a adquirir bens - que nem sempre são necessários - é um desperdício. Mas, apenas ter a vontade de usar essa ferramenta em busca de uma solução não é o bastante, é necessário adquirir conhecimento sobre o assunto. O estudo sobre a desigualdade não deve servir apenas para orientar o ramo publicitário a um patamar onde não apenas o “eu” é valorizado, mas também para toda a sociedade.

A publicidade se utiliza frequentemente de estereótipos para fazer representações que sejam mais compreensíveis ao público. Entretanto, o que de fato a publicidade realiza é apenas um espelho da própria sociedade. As pessoas, consciente e inconscientemente, fazem uso desse mecanismo frequentemente. Bernardes (2003, p. 307) afirma que “[...] os estereótipos servem para simplificar a percepção, julgamentos e ações. Este processo dá sentido ao ambiente social”. A necessidade de falar sobre esse tema se deve ao fato de que na fotografia em que esse trabalho se baseia, temos em foco uma pessoa que, por não ser identificada, pode ser analisada por diversos pontos de vista, principalmente por estar na situação em que está, já carregando alguns atributos que estão presentes na percepção de um grande grupo de pessoas. Por supostamente ser um morador de rua – e isso já é uma percepção pessoal – muitas pessoas já imaginam e definem várias coisas sobre ele, inconscientemente.

Uma pesquisa encomendada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) realizada em 2008 afirma que 82% da população de moradores de rua é formada por homens, em sua maioria entre 25 e 44 anos de idade e com 39,1% se declarando pardos, 29,5% brancos e 27,9% negros. No caso da nossa foto, o sujeito é

jovem, branco e com vestes aparentemente boas. Sendo assim, ao ver a foto outras coisas são constatadas e novas definições acabam sendo realizadas, e é normal certo estranhamento acontecer ao se perceber que algumas coisas não estão bem dentro do senso comum - e é exatamente esse tema que a fotografia quer conversar com o espectador.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O registro da fotografia foi realizado na cidade de Porto Alegre/RS, em uma avenida do centro da cidade. Foi utilizada uma câmera fotográfica da marca Canon modelo EOS 7D. Por estar num carro em movimento, o fotógrafo abdicou do modo automático da câmera, preferindo o modo manual.

A câmera estava programada no modo de exposição manual, com baixa velocidade para a maior entrada de luz no resultado final da fotografia. Esse procedimento é comum quando se procura obter um resultado mais fiel à realidade da situação. A luz presente é natural. A foto foi tratada posteriormente no Adobe Photoshop apenas com o objetivo de melhorar sua nitidez e proporção, fazendo um recorte para aproximar mais o sujeito em foco.

Aliás, o clique da foto foi espontâneo. Por ser durante a Expedição Intercom Sul 2015, que foi a divulgação do Intercom Sul para as universidades com o curso de comunicação da região sul do Brasil, os registros eram frequentes. O objetivo era retratar as cidades e seus espetáculos, entretanto esse espetáculo da foto ninguém queria prestigiar.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A Expedição Intercom Sul 2015 foi um projeto realizado pela organização do evento em questão. O objetivo principal desta ação foi sair de Joinville e realizar uma divulgação do evento em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, com uma equipe em cada estado, visitando todas as faculdades de comunicação do sul do país e convidando os acadêmicos, professores e coordenadores a participar do Intercom Sul 2015. Como objetivo secundário, foi proposto realizar um registro de cada cidade que passaríamos. Registrar os trajetos nas estradas, nas cidades, nos corredores das universidades e dentro das salas de aula. Criar um vasto material para contar e entender um pouquinho não só sobre essa experiência, mas sobre cada cantinho passado. O fotógrafo¹ saiu de Joinville na equipe com destino ao Rio Grande do Sul. Passaram por 16 cidades, sendo Porto Alegre a última visitada. Pelo fato de

ser a capital, e o estado não ser tão descentralizado no que se refere à densidade populacional, as demais cidades visitadas tinham sempre um aspecto de cidade de interior, e as cenas registradas são ligeiramente uniformes. Em nenhuma cidade tínhamos nos deparado com a situação que vimos na capital. Ver de repente um sujeito em pé, no meio da rua, fazendo uma espécie de protesto silencioso, pedindo apenas por comida e nada mais, foi não apenas contrastante com o que havíamos visto até o momento, mas um verdadeiro “soco no estômago”. O registro foi imediato, assim como a reflexão provocada.

Uma semana depois da expedição, já em Joinville, vimos dentre mais de 2 mil fotografias, esse registro. E o impacto foi tão grande quanto no momento. Após muitas discussões a respeito do tema que a fotografia necessariamente provocou, surgiu o interesse na inscrição para o Expocom, pois concluiu-se que esse tema precisa ser debatido.



Figura 01: Fotografia “O invisível toma forma e tem fome”.

5.1 ANÁLISE FOTOGRÁFICA

Ver uma cena como esta ao vivo, em meio ao cotidiano, tem um impacto fraco, ou seja, não causa tanto desconforto a quem passa pelo indivíduo. Já quando capturamos a imagem e a divulgamos para uma interpretação, temos reações diferentes.

"A fotografia está frequentemente associada à noção de documento. Isto significa que, antes de tudo, a fotografia serve para testemunhar uma realidade e, posteriormente, para recordar a existência dessa mesma realidade" (BASTOS, 2014, p 136).

Entre as diversas questões geradas pela nossa fotografia, uma delas é a questão da exposição do sujeito. No mundo da fotografia esse tema é bastante debatido e frequentemente possui duas visões: a do direito autoral, de o fotógrafo fazer os registros do cotidiano e da rua pública, e o direito de imagem, daquele que está sendo fotografado.

O caso em questão é muito específico. Não é um ensaio, não é uma fotografia de um suspeito criminoso nem mesmo um registro de uma celebridade. A foto retrata uma situação que pode ser caracterizada até mesmo como denúncia. É o tipo de fotografia que pode ter grande contribuição para o desenvolvimento social e, até mesmo, para a melhoria de vida do próprio sujeito em questão.

São muitos os registros na história de profissionais que se preocuparam com esses problemas sociais. Bastos (2014, p. 139) ainda ressalta que "Nas décadas de 30 e de 40 foram contratados vários fotógrafos para retratarem os problemas sociais da população norte-americana: Arthur Rothstein (1915-1985), Walker Evans (1903-1975), Carl Mydans (1907-2004), Ben Shahn (1898-1969), Dorothea Lange (1895-1965), Russel Lee (1903-1986), Jack Delano (1914-1997), Marion Post Wolcott (1910-1990) e John Vachon (1914-1975) foram alguns dos fotógrafos colaboradores". Neste ano de 2015 foi disseminada pelo mundo a história do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado por meio do documentário que concorreu ao Oscar "O Sal da Terra". Salgado é um dos principais e mais conceituados fotógrafos da atualidade, atuando no campo do fotojornalismo, se dedicando ao retrato dos excluídos, daqueles que se encontram à margem da sociedade. Apesar disso, "Existem críticos que o censuram por embelezar suas fotos sobre os miseráveis do mundo. Chamam isso de estetização/cosmetização da miséria" (MERTEN, 2015).



Figura 02: Foto de dentro do carro, local em que o fotógrafo fez o registro.

Na verdade, a mente não consegue processar uma imagem com tamanha atenção durante o dia-a-dia, pois há efeitos demais para se analisar ao mesmo tempo. Já quando se trata de uma fotografia, é possível direcionar a atenção especificamente para um acontecimento, observando e analisando cada detalhe. Wanner (2010, p. 241) explica que “Quando analisamos o efeito causado pelo advento da fotografia, vamos observar a presença de conceitos, como aura, originalidade, múltiplo e, sobretudo, a aderência da imagem ao referente, o instante captado”.

Estudando a fundo cada elemento da imagem, algo que chama bastante a atenção é o cartaz. Nele está clara a falta de intimidade com a língua portuguesa do sujeito. Entretanto ainda assim é fácil identificar a mensagem que ele quer passar. “VOCE ME AJUE LANCHE FOME”, ao pé da letra, mas compreende-se que ele diz “Ei, você, me ajude. Preciso de lanche, estou com fome”. A feição do homem, parado, segurando o cartaz, é fechada. Uma expressão de tristeza, de abatimento, deixando claro que estar ali, tendo que pedir algo para completos estranhos, buscando apenas um objetivo simples e de extrema necessidade, que deveria ser um direito para cada cidadão, é humilhante. Em volta de tudo isto, um pouco de vegetação, e mesmo assim, está claro que é uma área movimentada, urbana, que influencia em uma interpretação voltada para a dificuldade que os moradores de rua têm para conseguir sobreviver.

5.2 SE DISFARÇA TÃO BEM QUE NINGUÉM PERGUNTA DE ONDE VEM

Num mundo onde o egoísmo está cada vez mais tomando conta das pessoas, parar para refletir sobre a vida de alguém tão distante da realidade comum do nosso cotidiano é difícil. Ninguém o nota, ninguém o vê. Passar por esta pessoa e jogar uns trocados acaba sendo um ato automático, e muitas vezes quem o ajuda não é capaz nem de olhar para o rosto da pessoa. Mas se pararmos pra pensar, o que será que estas pessoas passam? De onde elas vêm? Elas conseguem se alimentar adequadamente todos os dias?

É fato que a desigualdade social no Brasil não é algo da atualidade, ela sempre existiu. Mas com todo o avanço que o país teve durante esses anos é inevitável questionar porque essa desigualdade continua, e essa situação é um ponto de partida para a este projeto. “A desigualdade surge, ramifica-se e permanece na sociedade por fatores concretos, que podem ser retomados historicamente; não é possível aceitar a ideia de naturalização deste fenômeno” (SOUZA, 2003, p. 140).

6 CONSIDERAÇÕES

São diversas as sensações que a fotografia deste trabalho causa nas pessoas. Uma foto, mais do que um retrato de um momento, pode servir para provocar uma reflexão, um grande questionamento. Para alguns, ela causa estranheza, para outros, tristeza. "E assim é a fotografia, algo que é extraído do tempo, mas sempre se refere à outra coisa anterior, o que ela algum dia já foi" (WANNER, 2010, p 302). O que foi ali registrado jamais voltará acontecer, mas, no caso da nossa fotografia, sabemos que aquilo está acontecendo o tempo inteiro, mas não exatamente do jeito que aconteceu.

Os olhos não veem coisas, mas imagens de coisas que significam outras coisas. Ele percorre os caminhos como páginas: a cidade diz tudo o que você deve pensar e faz você repetir seus discursos (CALVINO, 1972, p.22).

A rotina, o cotidiano, as tarefas do dia-a-dia podem ser um grande calabouço para o indivíduo. Essa reflexão é essencial para cada indivíduo, e certamente para a sociedade em geral. Nessa sequência de afazeres diários, não percebemos coisas que estão o tempo inteiro ao nosso redor. "Talvez, para compreender quem sou, eu tenha que observar um ponto no qual poderia estar, e não estou" (CALVINO, 1972, *apud* WANNER, 2003, p.240).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PACIEVITCH, Thais. **História da Fotografia**. Disponível em <http://www.infoescola.com/curiosidades/historia-da-fotografia/>. Acesso em 24 abr 2015.

HUMBERTO, Luis. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

TAVARES, Ingrid. **A história do cinema**. Disponível em <http://super.abril.com.br/cultura/historia-cinema-446090.shtml>. Acesso em 24 abr 2015.

SOUZA, Jessé. **A Construção Social da Subcidadania: Para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

BASTOS, Ana Rita. **A fotografia como retrato da sociedade**. Porto: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Tradução de BARROCAS, Maria Thereza de Carvalho; LEITE, Luiz Octavio Ferreira Barreto. 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 221, 2000.

MARQUEZAN, Reinoldo. **O Deficiente no Discurso da Legislação**. Campinas: Ed. Papyrus, p. 110, 2009.

Morador de rua brasileiro é homem, alfabetizado e tem parentes que moram na mesma cidade, revela pesquisa. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2008/04/29/ult23u2075.jhtm>. Acesso em 25 abr 2015.

WANNER, MCA. **Paisagens sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas**. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/296z5/pdf/wanner-9788523208837-08.pdf>. Acesso em 25 abr 2015.

CARNEIRO, Ava da Silva Carvalho. **A Desigualdade e a Invisibilidade Social na Formação da Sociedade Brasileira**. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19360.pdf>. Acesso em 26 abr 2015.

Significado de “normal”. Dicionário Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=normal>. Acesso em 26 abr 2015.

BERNARDES, Dora Luisa Geraldês. **Dizer não aos estereótipos sociais**: As ironias do controlo mental. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v21n3/v21n3a05.pdf>. Acesso em 26 abr 2015.

MARTEN, Luiz Carlos. **Sebastião Salgado, o fotógrafo plantador de futuro, fala sobre 'O Sal da Terra'**. Disponível em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,sebastiao-salgado-o-fotografo-plantador-de-futuro-fala-sobre-o-sal-da-terra,1658614>. Acesso em 29 abr 2015.

MARTEN, Luiz Carlos. **Sebastião Salgado, o fotógrafo plantador de futuro, fala sobre 'O Sal da Terra'**. Disponível em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,sebastiao-salgado-o-fotografo-plantador-de-futuro-fala-sobre-o-sal-da-terra,1658614>. Acesso em 29 abr 2015.